

CTI - Centro de Trabalho Indigenista

O CTI é uma entidade da sociedade civil, sem fins lucrativos, fundada em 1979. Tem como proposta contribuir para que os Povos Indígenas assumam o controle efetivo de seus territórios, esclarecendo-lhes sobre o papel do Estado na proteção e garantia de seus direitos constitucionais. Atua em Terras Indígenas inseridas nos Biomas Amazônia, Cerrado e Mata Atlântica.



Centro de Trabalho Indigenista

Realização

SABERES INDÍGENAS NA ESCOLA

UFG/UFMA/UFT/MEC - SECADI



CENTRO
TIMBIRA
DE ENSINO
E PESQUISA
PĒNXWXI
HĒMPEJXA

Parceria



FUNAI



NEAI

Núcleo de Estudos e Ações Indígenas (NEAI)



Associação Wily Catê dos Povos Timbira

Apoio



UFMA

Universidade Federal do Maranhão



UFT

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS



FNDE

Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação



UFG



EMBAIXADA DA NORUEGA



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO



BRASIL

GOVERNO FEDERAL

Caxêkwj Phewoy Wro História da mulher estrela



Série Oralidade

Este é o nono volume de uma nova coleção: a Série Oralidade. A proposta é compactuar a familiaridade e o manuseio de livros como suporte para o saber tradicional; a percepção de que existem outras linguagens para transmitir informações e conhecimentos; o reforço do uso da língua indígena falada e do modo próprio do contar uma história, que não pode ser reproduzido na escrita.

Uma das questões mais prementes nas estratégias pensadas para o fortalecimento das línguas indígenas é criar novas práticas que possam fazer frente, deliberadamente, à perda de espaços para a língua portuguesa. Assim ao necessário e reivindicado letramento em língua portuguesa foi contraposto a criação da escrita das línguas indígenas e a consequente produção de material bilíngue, como forma de se garantir para a língua indígena, funções e usos sociais relevantes e prestigiados pela sociedade nacional.

Entretanto, esta estratégia de resistência da língua indígena às pressões da língua majoritária deve vir acompanhada de um conjunto de outros cuidados que garantam aquilo que é vital para a continuidade dessas línguas e a guarda de um imenso patrimônio cultural que somente pela atualização da fala é garantido. As línguas devem antes de tudo continuarem sendo faladas e este novo instrumental, livro, comumente usado para a difusão da escrita, pode ser suporte também para o uso da fala. Esta série procura assim fortalecer os usos orais da língua indígena, abrindo-lhe novos espaços que possam contribuir para sua sobrevivência futura.

Maria Elisa Ladeira

Presidência da República
Ministério da Educação
Secretaria Executiva
Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão
Diretoria de Políticas para Educação do Campo e Diversidade
Coordenação Geral de Educação Escolar Indígena

Este material faz parte da Coleção Educação Timbira dirigido a todas as aldeias dos povos Timbira: Krahô,

Apinajé, Krikati, Apãniekra, Ràmkôkamekra, Pukobjê, Krenjê e KrepýmKatejê.

É uma realização do Projeto Educação e Referência Cultural do CTI – Centro de Trabalho Indigenista em parceria com o Centro Timbira Pënxwyj Hëmpejxà

Coordenação: Maria Elisa Ladeira

Contadores da história: Alcides Tepré Apinajé, Georgina Xavita Apinajé na aldeia e Creuza Amnhĩ Kôhi Apinajé no Centro Timbira Pënxwyj Hëmpejxà.

Pesquisa e ilustração: Ailton Apinajé, Alexandre de Souza Laranja Apinajé, Allison Dias Apinajé , Carlos Pereira da Silva Apinajé, Edilene de Souza Laranja Apinajé, Eroína Pempxá Apinajé, Irene Maxy Apinajé, Janilda Tamgàc Apinajé, Juliana Nhãmxenh Apinajé, Luciano Kunityk Apinajé, Nilda Apinajé, Oscar Wanhmê Apinajé, Reginaldo Tep-Kryt Apinajé.

Professores: José Eduardo Ahtorkrã Apinajé, Maria dos Reis Pãxre Apinajé,

Fotos da oficina: Janilda Tamgàk Apinajé, Maria dos Reis Pãxre Apinajé, Oscar Wanhamê Apinajé,

Equipe de apoio CTI: Daniela Leme da Fonseca, Elisete Noleto, Helena Ladeira Azanha.

Designer gráfico, diagramação e arte finalização: Adailson Rodrigues Soares

Equipe Timbira (2018) – UFT

Odair Giralдин
Ligia Raquel R. Soares
Maria do Carmo Pereira dos Santos Tito
André Demarchi
Cassiano Sotero Apinagé
Terezinha Amnhàk Apinagé
Maria dos Reis Pandy Apinagé
Alexandre de Sousa Fernandes Apinaje (Zé Cabelo)
Sandro Pëpkrākahi Corredor Apinagé
Juliano Nhĩnô Ribeiro Apinagé
Raimunda Kupëprô Apinagé
Creuza Prumkwýj Krahô
Isauro Krôkrôk Krahô
Olavo Tepjôpir Krahô

Equipe Timbira (2018) – UFMA

Emilene Leite de Sousa
Diogo Rezende Gomes
Karitania dos Santos Araujo
Claudio José Braga Rocha
Bruno Rocha Gavião
Damásio Belizário
Dana Sousa Gavião
Paulo Belizário Gavião
Jonas Polino Sansão Pynhêh Gavião
Miracema Ropcwij Krikati
Maria Capakwyj Krikati
Francisquinho Tephot Canela
Justino Kenjaven Canela
Ricardo Kapereko Canela
Benedito Roiaka Canela
Piotut Ribeiro
Paulo Thugran Canela

Os povos Timbira (Jê) conhecidos por Krahô, Krikati, Pykobjê, Apànjêkra, Ràmkôkamekra, Apinajé, KrepýmKatejê e Krējê são ocupantes de uma grande extensão de terras nos cerrados do norte do Tocantins e sul do Maranhão, área colonizada a partir do século XIX por frentes agropastoris. A estes Timbira somam-se os Parakatêjê situados no sul do Pará.

A população Timbira em 2013 era de cerca de nove mil pessoas distribuídas em 52 aldeias e 07 Terras Indígenas . Seus territórios são descontínuos, formando pequenas ilhas com extensões que variam de 50 a 300 mil hectares cercadas por fazendas de gado e de produção de arroz ou soja.

A limitação do território e a escassez da caça fazem com que a agricultura tenha cada vez mais importância, mas os Timbira mantêm-se tradicionalmente como sociedades de caçadores e coletores, cuja forma de ocupação dos campos de cerrado implica uma grande mobilidade e se reflete em sua cultura material. Altamente sofisticadas do ponto de vista da sua organização social, são consideradas “sociedades de festa”, preservando até os dias de hoje, depois de mais de 200 anos de contato com a sociedade nacional, a profusão de seus rituais, a circularidade de suas aldeias, sua organização social e política e o uso da língua Timbira como um sistema vivo e operante.

Segundo o diagnóstico realizado em 2010 pelo Centro Timbira Pënxwyj Hëmpejxà existem 46 escolas nas aldeias onde 228 professores atendem a um total de 3.410 alunos.



Caxêkwyj Phewoy Wro

História da mulher estrela

Série Oralidade



SABERES INDÍGENAS NA ESCOLA
UFG/UFMA/UFT/MEC - SECADI



© Todos os direitos reservados ao povo Krahô
1ª edição

Caxêkwyj Phewoy Wro – História da mulher estrela.

Povo Timbira

Brasília: CTI - Centro de Trabalho Indigenista, 2018.

1. Educação Escolar Indígena 2. Índios Krahô 3. Mitologia Indígena
4. Oralidade

Caxêkwyj Phewoy Wro

História da mulher estrela

Brasília

SCLN 210 bloco C,
sala 217/218
Brasília, DF
CEP 70862-530
Tel: (61) 3349-7769
Fax: ramal 210

Amazonas

Rua Oswaldo Cruz,
572, sala 06
Bairro Comunicações
Tabatinga, AM
CEP 69640-000
Tel: (97) 3412-3991

São Paulo

Rua Euclides de Andrade,
29, Jardim Vera Cruz
São Paulo, SP
CEP 05030-030
Tel: (11) 2935-7769
Fax: (11) 2935-7769

www.trabalhoindigenista.org.br

Contato: cti@trabalhoindigenista.org.br

Nome: _____

Aldeia: _____

Professor: _____

Apresentação - Saberes Indígenas na Escola

A Ação Saberes Indígenas na Escola foi efetivada pelo Ministério da Educação em 2013, considerando-se uma demanda colocada pelos delegados e pelos movimentos indígenas na I Conferência Nacional de Educação Escolar Indígena, ocorrida em 2009.

Ao criar essa ação, objetiva-se provocar a reflexão sobre as práticas pedagógicas nas escolas indígenas visando valorizar os conhecimentos indígenas e os processos próprios de ensino e aprendizagem a serem praticados na educação escolar indígena. Para isso, as Universidades Públicas foram convidadas pelo MEC/SECADI a formarem redes de atuação visando trabalharem na formação continuada dos professores indígenas. Nessa atuação procura-se trabalhar a autonomia dos povos ao priorizar seus processos próprios de ensino-aprendizagem, bem como visa contribuir para que os professores indígenas reflitam sobre a produção de material didático e pedagógico referente ao letramento e alfabetização. Assim, foram criadas várias redes no Brasil, sendo uma delas formada pela Universidade Federal de Goiás (UFG), Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e Universidade Federal do Tocantins (UFT). A UFG tem atuado com os povos Akwẽ/Xerente, os Tapuia, os Iny (Karajá, Javaé

e Xambioá), os Tapirapé e os Tenetehar/Guajajara. Já a UFMA (campus de Imperatriz) e a UFT (campus de Porto Nacional, através do Núcleo de Estudos e Assuntos Indígenas - NEAI), tem atuado ambas conjuntamente com os povos Timbira, que formam o Território Etnoeducacional Timbira.

Reconhecemos que a valorização dos conhecimentos tradicionais dos povos Timbira já vem sendo enfatizada desde os anos 1990 pelo Centro Timbira de Ensino e Pesquisa Pinxwỳj Himpejxà - CTEPPH. Esse Centro está localizado na cidade de Carolina (MA) e foi criado pela Comissão de Professores Timbira juntamente com o Centro de Trabalho Indigenista (CTI). Naquele Centro foram realizadas diversas atividades de registro de conhecimentos sobre histórias, narrativas, rituais, cantos, meio ambiente, dentre outros, através das ações desenvolvidas pelo projeto Měntwajê Cultural, Měntwajê Ambiental e Měntwajê Administrativo que eram planejadas e desenvolvidas pela equipe do Programa de Educação e Referência Cultural Timbira. Nessas ações procurava-se colocar os jovens (Měntwajê) de vários povos Timbira em contato com os anciãos e anciãs para promover essa comunicação entre gerações, visando a transmissão dos conhecimentos ao mesmo tempo que se realizavam os registros. Muitos desses registros tornaram-se materiais didáticos que estão sendo utilizados nas escolas das aldeias Timbira do Tocantins e Maranhão.

Além dessas ações, naquele Centro também aconteceu a experiência da

Escola Timbira, que foi o processo formação dos professores Timbira, através da Comissão de Professores, que depois se desdobrou na oferta de Ensino Fundamental (5^a. a 8^a. Séries) para uma turma de jovens, em parceria com as SEDUCs do Tocantins e Maranhão. Esses estudantes tinham em seu conteúdo curricular também os saberes indígenas tradicionais, de tal forma que em todas as etapas de realização do curso, sempre estava presente ao menos um ancião para atuar como conteudista para a turma. As ações aqui destacadas tinham como metodologia, para o processo de formação desses jovens, os preceitos da educação escolar indígena diferenciada e construída constantemente com os povos envolvidos nesse processo. Essas ações se complementaram por um longo tempo e hoje refletem nas aldeias Timbira, pois muitos daqueles que participaram dessas ações são hoje importantes pesquisadores (e vários deles, professores) de seus conhecimentos ou então lideranças em suas aldeias.

Assim, reconhecemos que estamos dando seguimento a uma atividade que já teve experiências exitosas anteriores, às quais devemos reconhecer o devido valor, tê-la como referência e na qual buscamos inspirações sempre que possível.

A Série Oralidade, criada pelo Centro de Trabalho Indigenista - CTI e Centro Timbira de Ensino e Pesquisa Pěnxwyj Hěmpejxà - CTEPPH, tem como proposta a valorização da oralidade, forma tradicional de preservar e transmitir

conhecimentos na maioria dos povos indígenas. E a publicação deste material condiz com os objetivos do Saberes Indígenas na Escola, pois além de trabalhar com conhecimentos indígenas e estimular a oralidade, também incentiva a valorização dos conhecedores tradicionais (os mais velhos) com os quais as crianças devem interagir para conhecer melhor as narrativas e também para ampliar seus conhecimentos sobre outras histórias.

Em função disso, optou-se por publicar esse material já produzido dentro da Ação Saberes Indígenas na Escola.

Equipe Timbira – UFT/UFMA

Apresentação - Pënxwyj Hëmpejxà

Este livro começou a ser feito por Paulo Tehnãku Krahô em sua aldeia, a aldeia Nova, situada na TI Kraolândia no norte do Tocantins. Ele pesquisou a história junto ao Afonso Cuupô, desenhou sua primeira versão na aldeia e entregou para o CTI. Depois, na oficina realizada em maio de 2013 no Centro Timbira Pënxwyj Hëmpejxà, esta versão foi apresentada pelo pesquisador e ilustrador e revista pelos participantes Krahô de diferentes aldeias que em conjunto com Paulo Tehnãku a complementaram com mais ilustrações. Para isso recontaram esta história entre si, lembraram detalhes de episódios e chegaram a esta versão que apresentamos aqui. Na sequência estão algumas fotos deste momento de elaboração conjunta durante a oficina.

Este livro apresenta a pesquisa feita por Paulo Tehnãku Krahô, mas é também o espaço para que você, aluno de uma escola Timbira, apresente a sua pesquisa e conte, nas páginas em branco que aparecem na segunda parte do livro, uma outra história que você tenha escutado e aprendido com os mais velhos.

Por isso o livro vai ter duas histórias, a da Caxêkwyj e a que você vai contar por meio dos desenhos, depois de pesquisar com os mais velhos. Mas lembre-se

que este é um trabalho para ser feito com vagar, sem pressa, para que possa sair bem feito, impèj.

E, assim os livros podem ser trocados entre as pessoas da aldeia e muitas histórias poderão ser contadas e lembradas. E depois, estas histórias podem virar novos livros e circular entre todas as aldeias Timbira.

Aproveitem,

Maria Elisa Ladeira

Py'kin

Wààpàr



Participantes da Oficina de elaboração de materiais didáticos no Centro Timbira Pënxwyj Hëmpexà, maio de 2013

Apresentação - Paulo Tehnãku Krahô

Itamã mã ihapry Paulo Tehnãku Krahô. Wamã krinhtũm kãm hapu Ihpá, ne mã hanem, Inkahôk, ihta jhumou ne hacrepéj ne jahamam, kam hompeixa no jakrepej.

Ita mã Caxêkwyj japry mã me ihmã mẽ hare mã wame inhcate me kampa te ne me cumã harenxa jakrepey mam me hujarenxá jakrepey mam me hujarenxá ne me to hamja pakre, kaxum.

Ita ma yo krim kam ite to kaxeykwyj mã ite me to ihnpey, Pënxwyj Hëmpexhã kam.

Meu nome é Paulo Tehnãku Krahô. Moro no Krinhtũm. Aldeia Nova. Eu aprendi um pouco desenhar, mas eu continuo aprendendo na minha aldeia. É que eu gosto de aprender, gosto da leitura e das tradições culturais e estas tradições devem ser explicadas sempre.

Esta é a história da Caxêkwyj que eu escutava desde criança na aldeia, os mais velhos é que contam. Todos os Krahô conhecem esta estória. Acho que todos os outros Timbira também sabem da Caxêkwyj. Quero que todas as aldeias lembrem sempre da Caxêkwyj.

Eu pesquisei e desenhei esta estória primeiro na minha aldeia e depois aqui no Centro Timbira Pënxwyj Hëmpejxá, outros companheiros, professores e estudantes Krahô me ajudaram a terminar este livro.



Grupo dos Krahô discutindo a montagem da apresentação do livro para os demais participantes Timbira. Centro Pënxwyj Hëmpejxá. Maio de 2013.



Centro Pënxwyj Hëmpejxá. Maio de 2013.



Paulo Tehnāku redigindo os pontos centrais e o sumário.
Centro Pënxyj Hēmpejxã. Maio de 2013.



Centro Pënxyj Hēmpejxã. Maio de 2013



Centro Pënxyj Hēmpejxã. Maio de 2013



Paulo Tehnāku e Maria Elisa Ladeira avaliando a continuidade da narrativa. Centro Pënxyj Hēmpejxā. Maio de 2013.

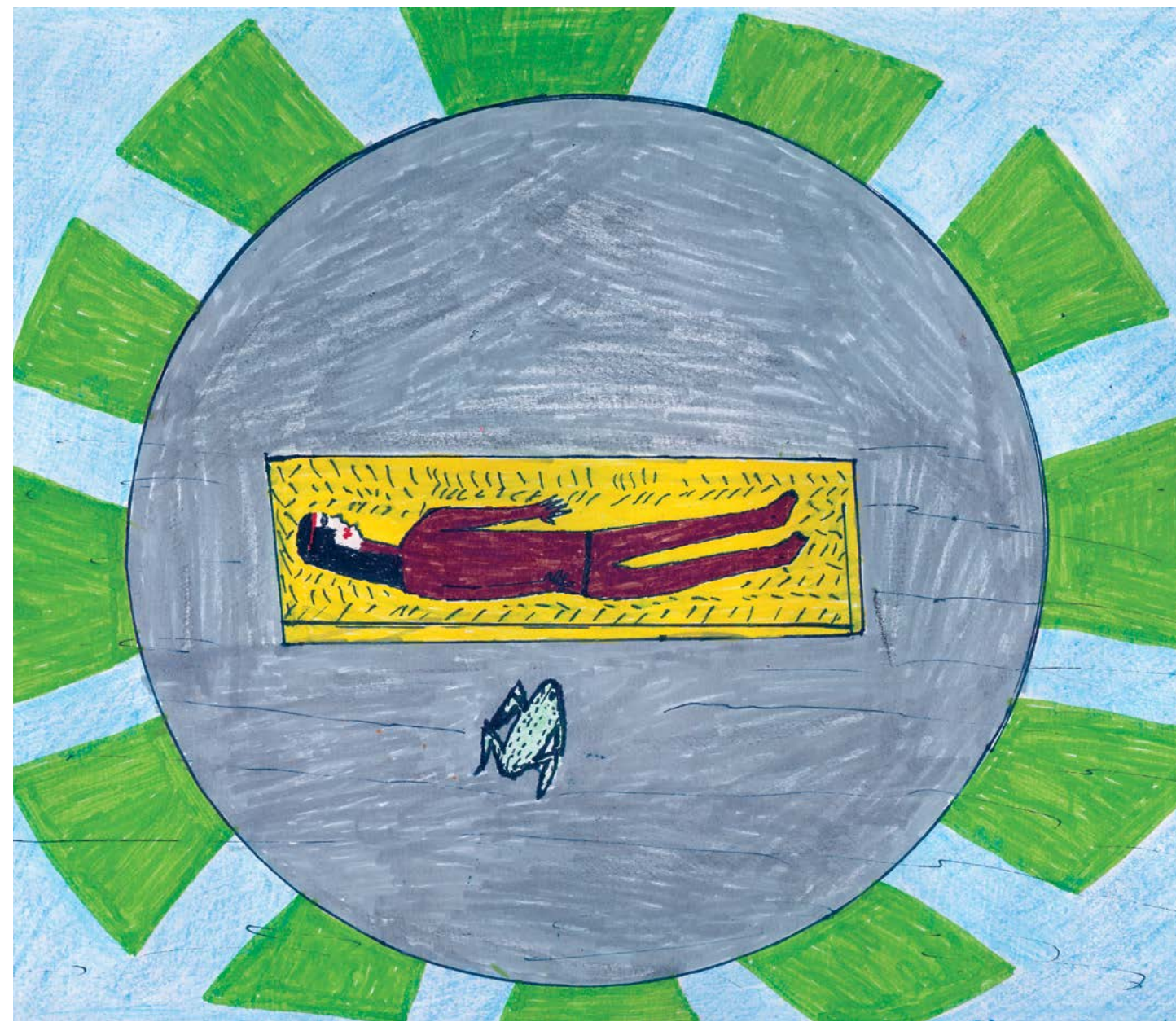


Centro Pënxyj Hēmpejxā. Maio de 2013

Caxêkwyj Phewoy Wro

História da mulher estrela





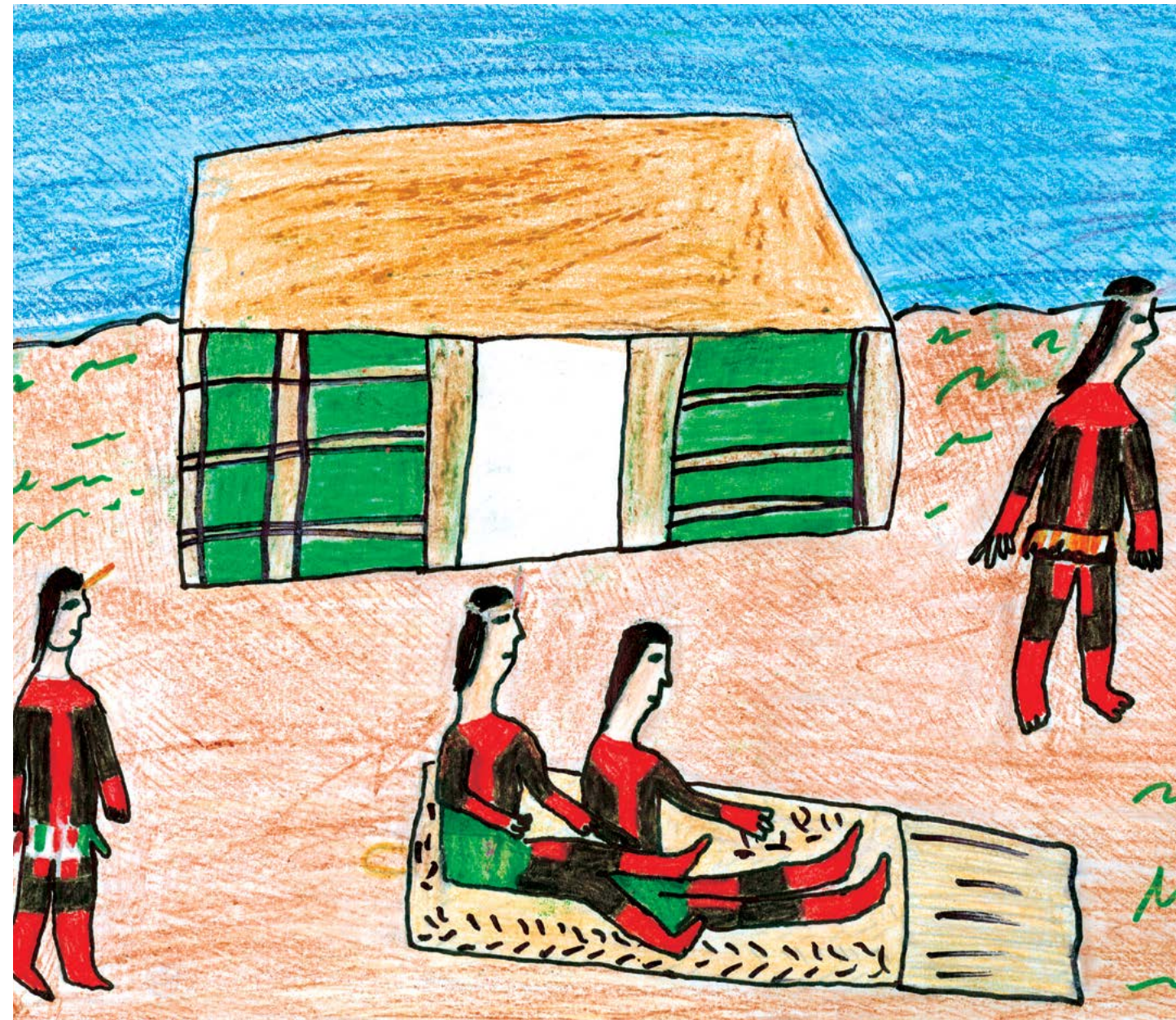


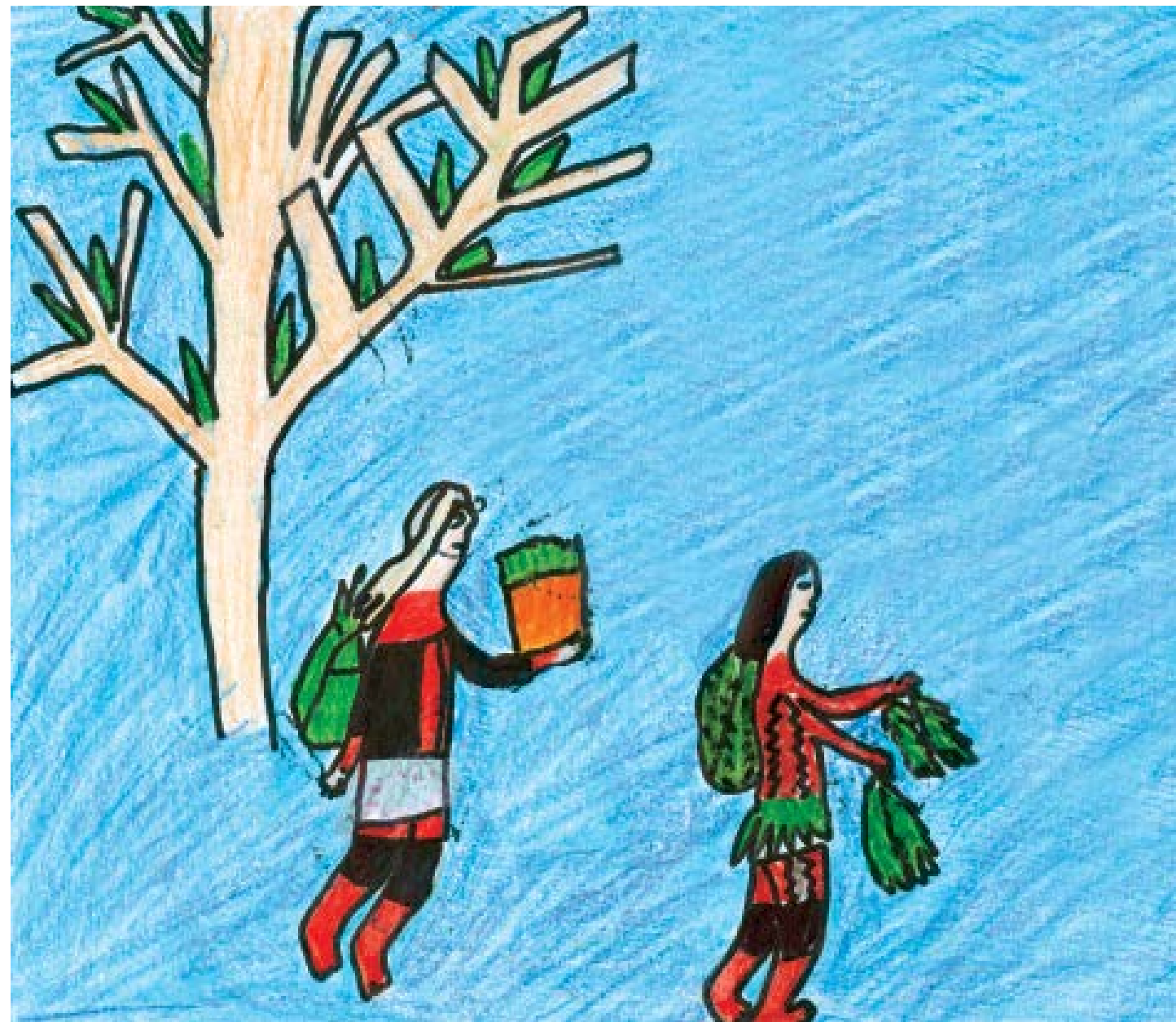


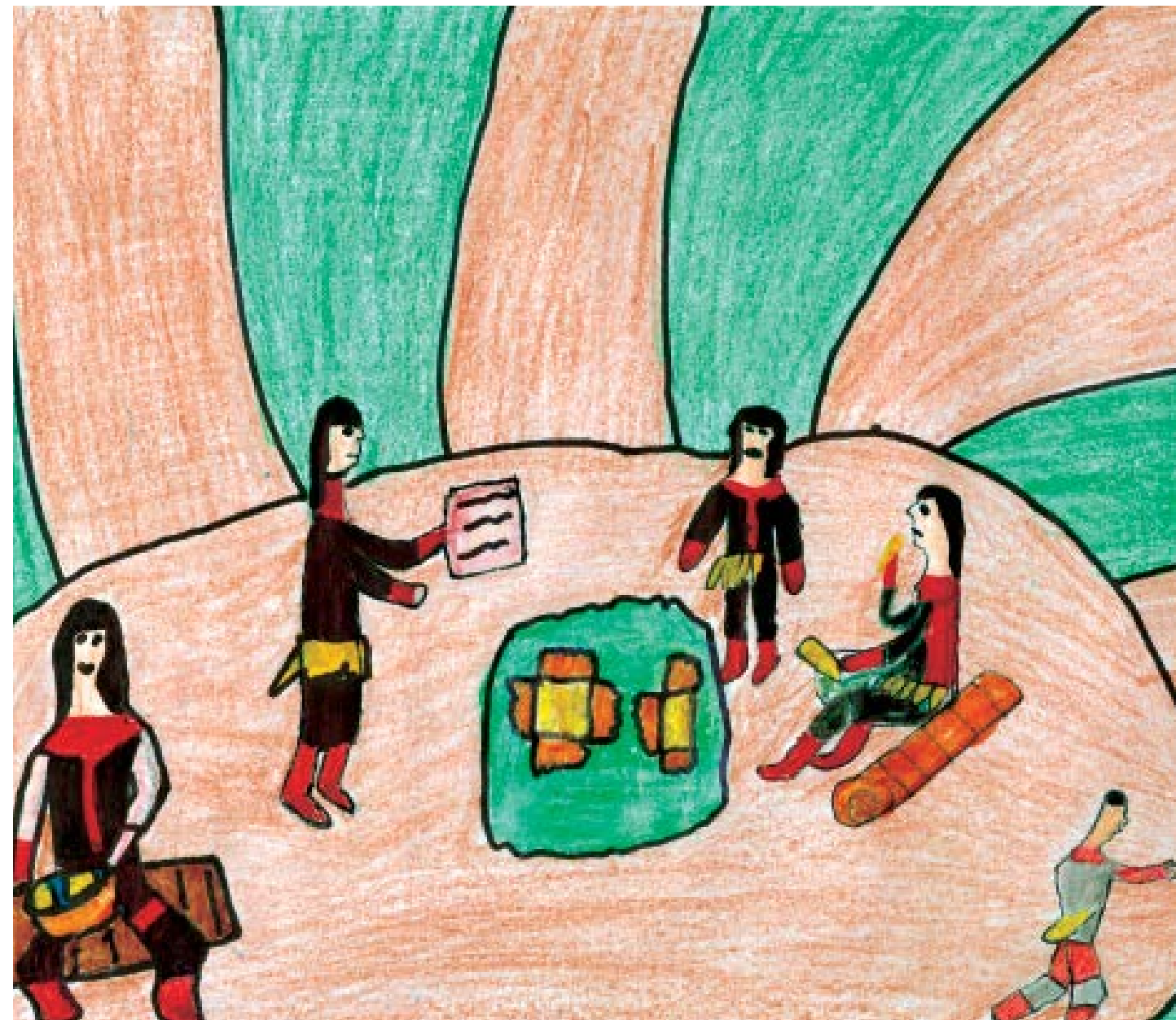




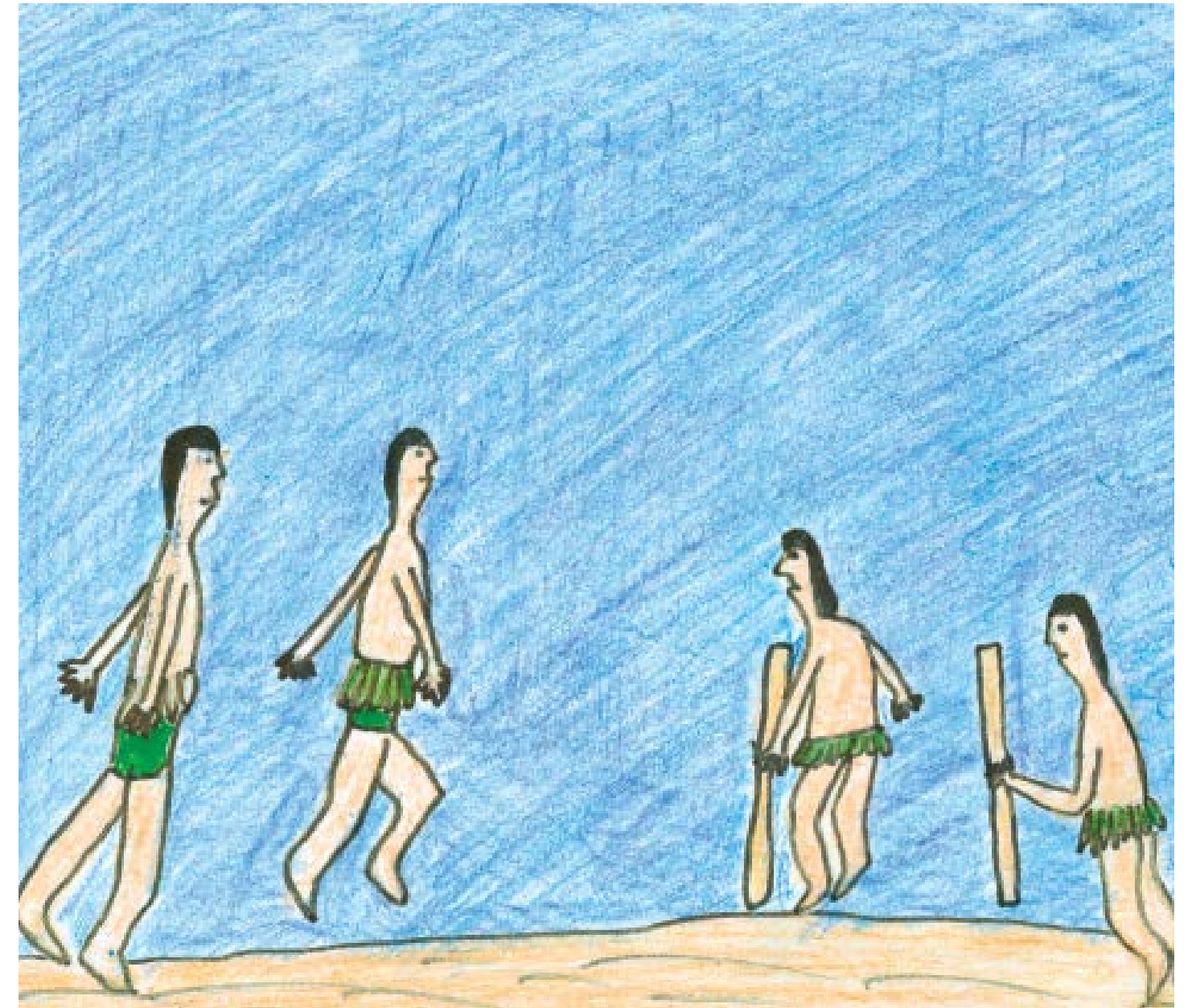
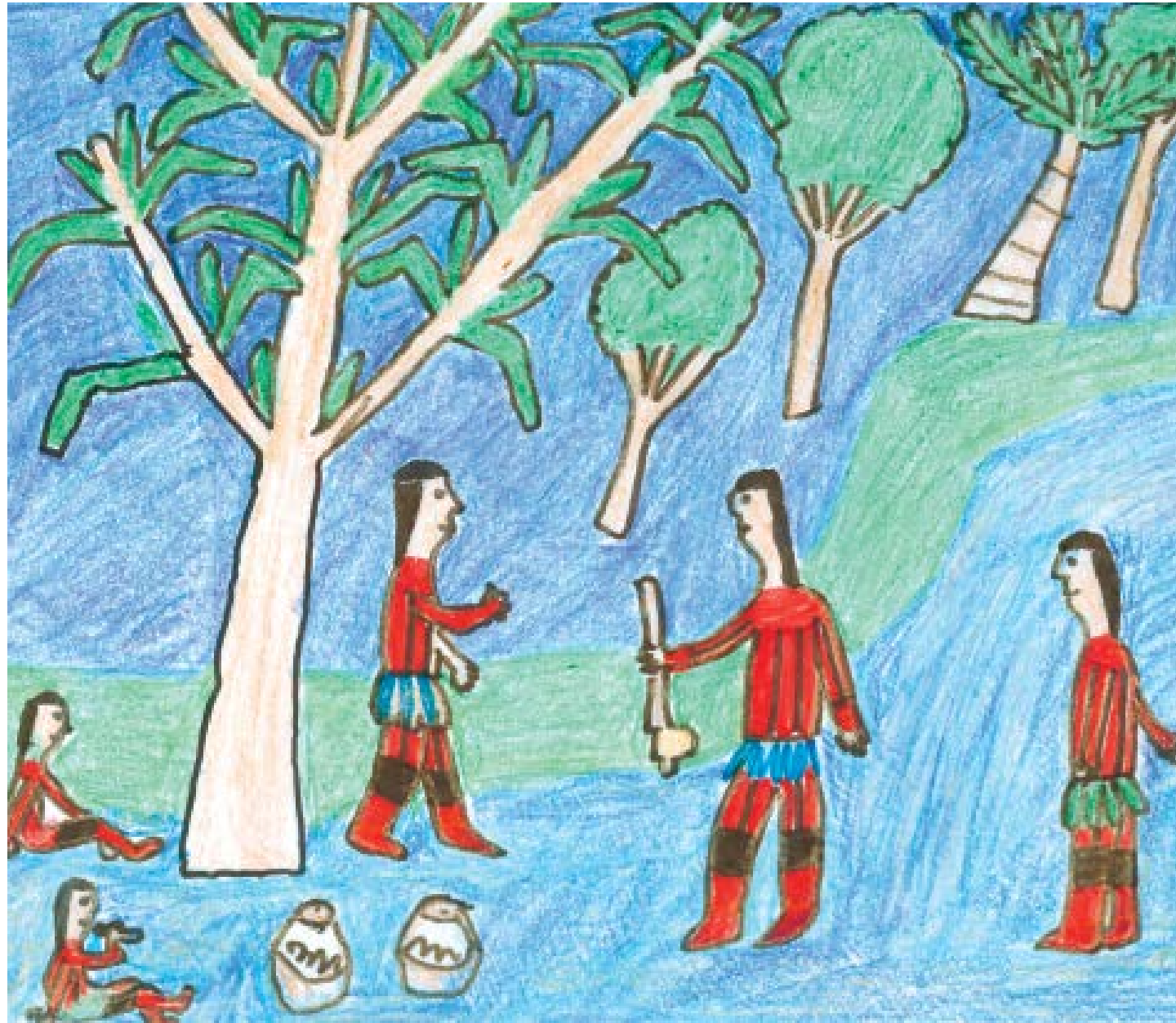










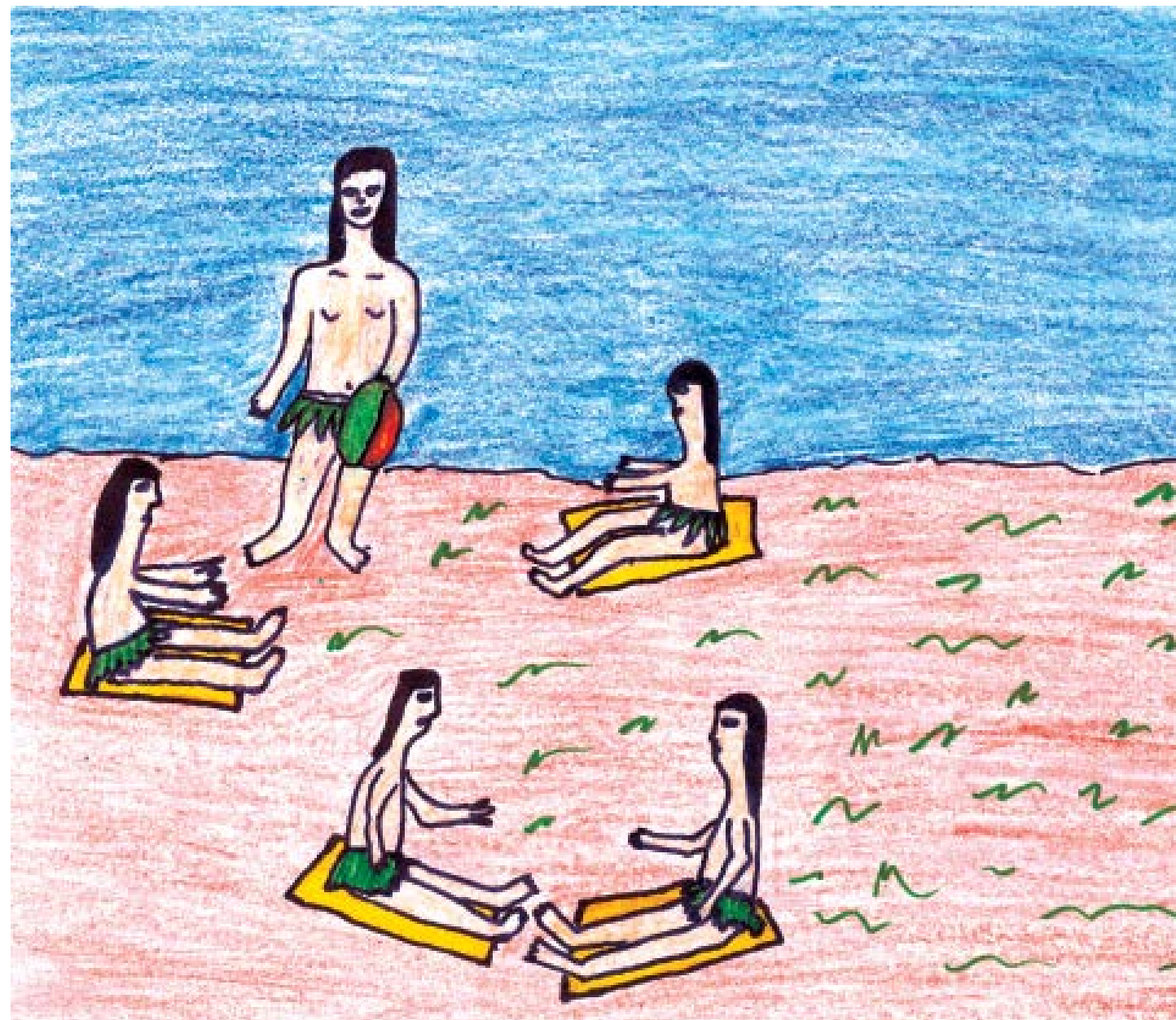














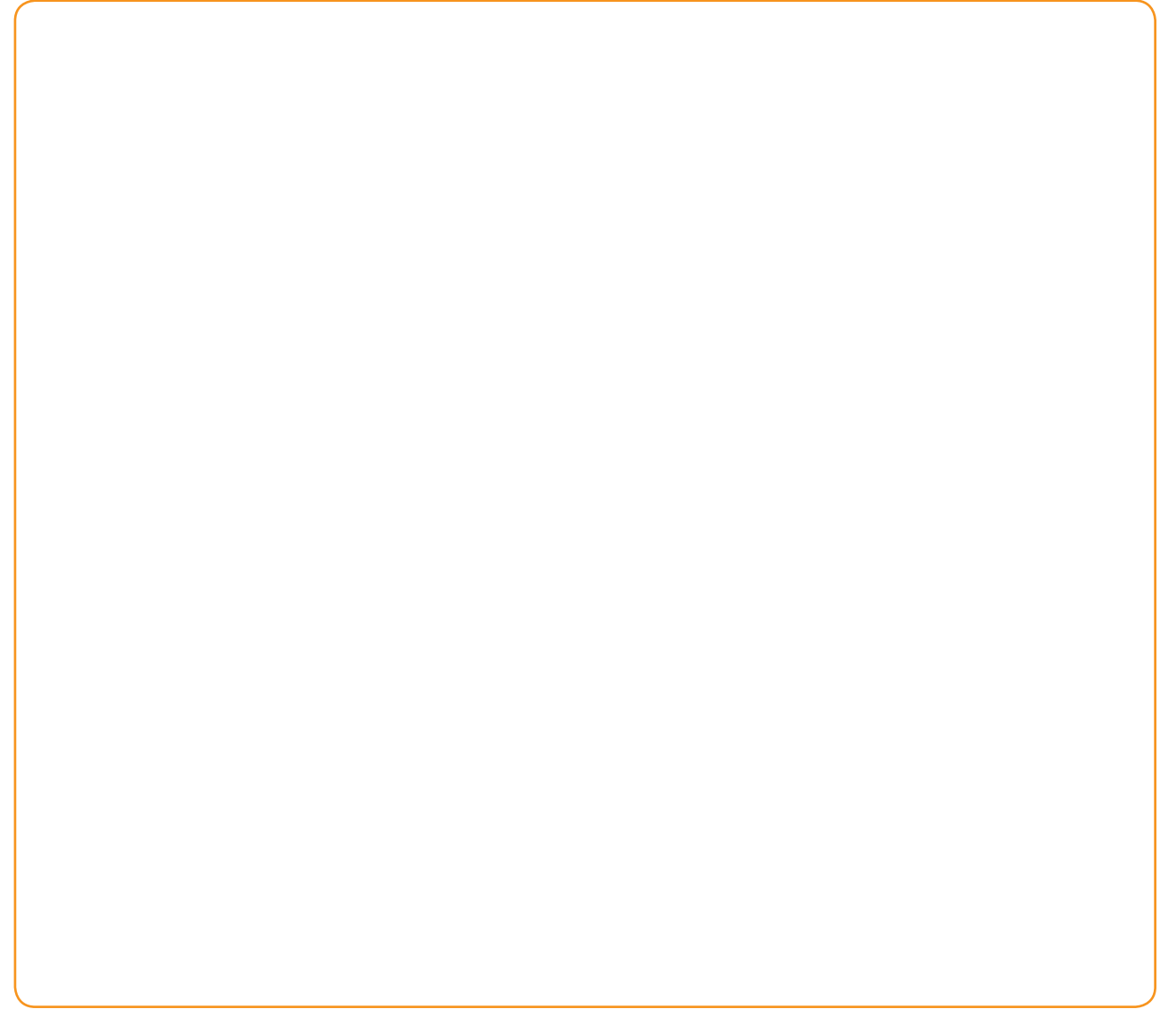
Agora você vai fazer o seu livro. Peça para os mais velhos contarem outras histórias. Escute com atenção e depois use as páginas em branco para desenhar a história que você mais gostou.

Nome da história pesquisada: _____

Nome e aldeia do contador de história: _____

Nome de quem ajudou com os desenhos: _____









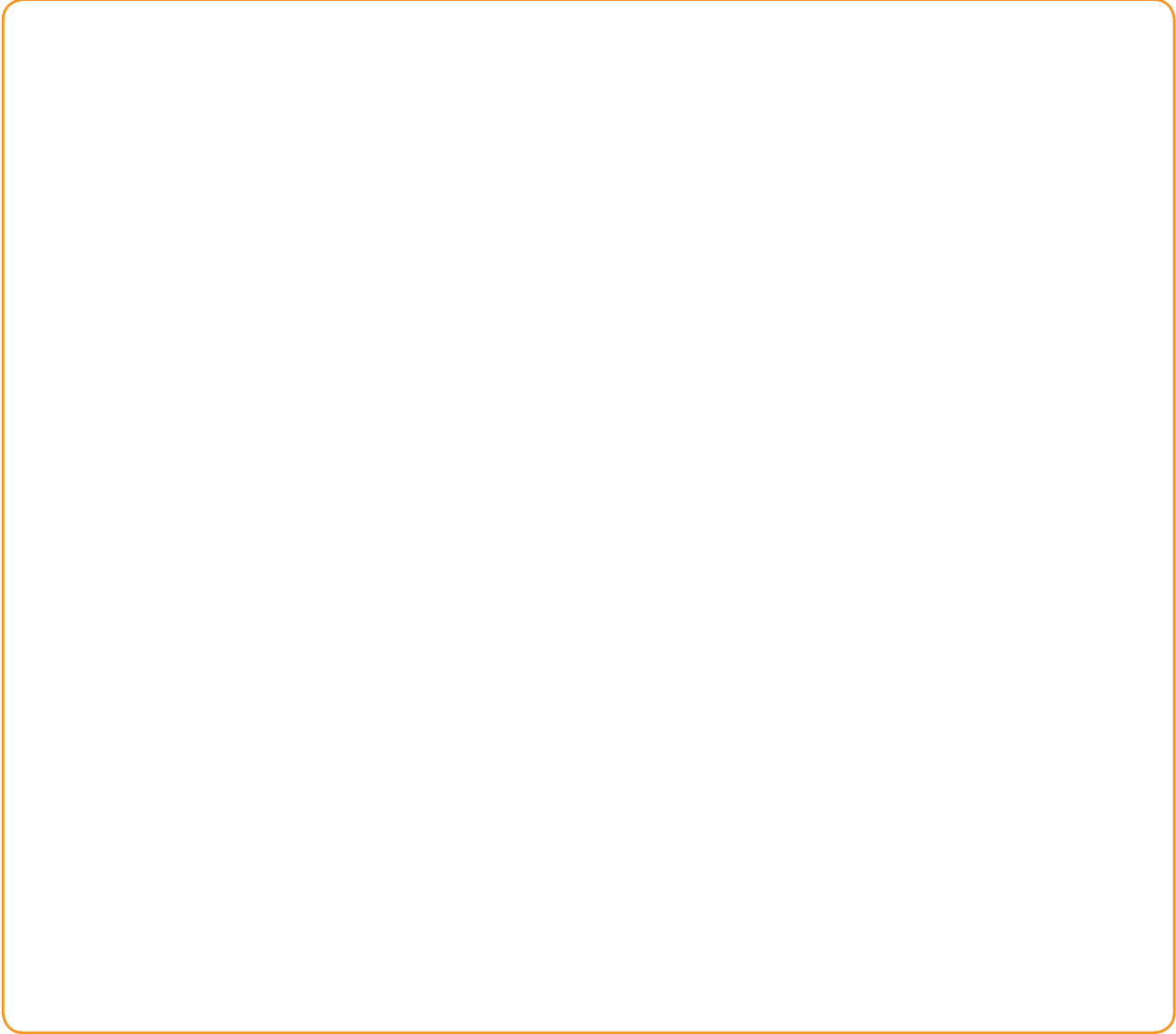






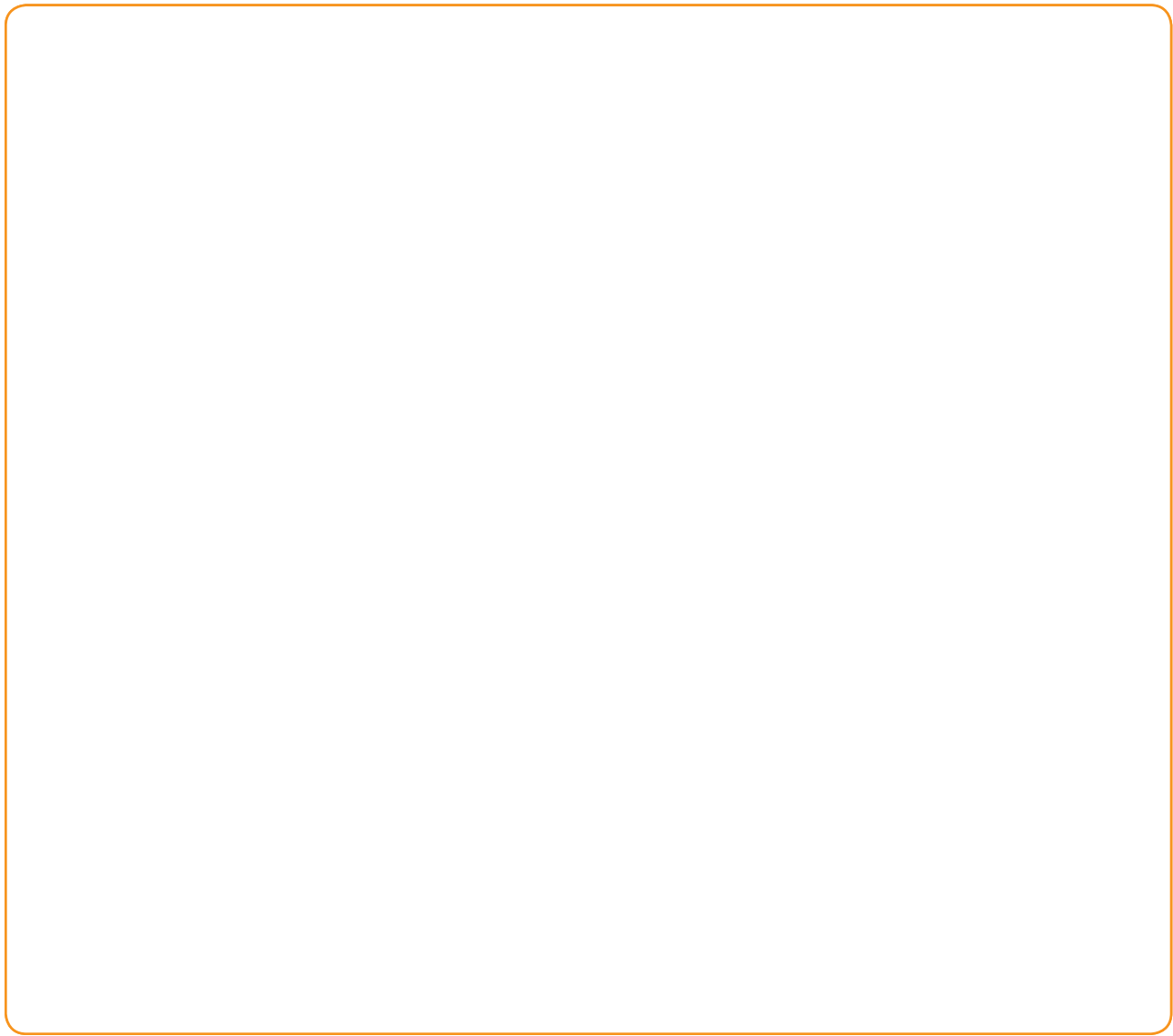












Esta obra
Composta em Bookman Old Style, Gill Sans MT e Times New Roman,
foi impressa com miolo em papel Couché 115g/m² e Off-Set 75g/m²
com capa em Cartão Supremo.
2018g © Todos os direitos reservados.